

---

Anderson Braga Horta. *Traduzir poesia*. Brasília: Thesaurus, 2004, 296 pp.

---

O poeta Anderson Braga Horta lançou, em 2005, pela Editora Thesaurus de Brasília, o título *Traduzir poesia*. Nas quase trezentas páginas que compõem o volume, Horta compila parte importante de suas traduções de poemas e de suas reflexões sobre o ato tradutório produzidas ao longo de quase cinquenta anos de vivência e de leitura do texto poético por meio da transcrição.

Chama imediatamente a atenção o fato de o tradutor transpor textos de tantos autores, de diferentes épocas e de múltiplos idiomas – francês, espanhol, inglês, italiano, alemão e até galego, além de verter textos de poetas brasileiros para o espanhol. A constituição de antologias pessoais plurilíngües compiladas via tradução é uma prática comum entre poetas-tradutores, notadamente José Paulo Paes e Décio Pignatari, que não têm, necessariamente, um conhecimento profundo dos idiomas de que traduzem. Assim como os colegas, Anderson confessa, já

nas “palavras prévias” que abrem sua antologia, que não chega a dominar nenhuma dessas línguas, o que não é nenhum demérito, visto que, como afirma o próprio Anderson, o indispensável, para se traduzir um poema “é, em primeiro lugar, conhecer intimamente a língua-meta, isto é, dominar o tradutor a própria língua; além disso é, obviamente necessário compreender em profundidade o poema original”; e esses conhecimentos Anderson Braga Horta demonstra ter.

Leitor atento e apaixonado dos poemas que traduz, Horta dedica-se à árdua tarefa de traduzir quase que exclusivamente poemas rimados e metrificadas, o que exige, para se produzir um texto homólogo, o domínio de uma apurada técnica, como é o caso de Horta. Esse cuidado com o resultado é notado pela transposição, na grande maioria dos casos, em português, das métricas e das rimas do original. E, para alguns poemas, apresenta diferentes versões e variantes; chegando a seis versões para o poema “Vogais”, de Rimbaud. Consciente do exagero, Horta afirma: “transcrevo, no suporte escrito desta palestra, seis versões; mas não as lerei todas para não perder

os amigos”. Como essas traduções conservam um grande número de versos em comum, fica a impressão de que corre-se o risco de se perder muitos leitores ou, pelos menos, estes se perderão no meio de tantos detalhes.

Uma certa confusão causada pelo excesso de versões, assim como a justaposição de tantos autores, línguas, épocas, que prejudica, em parte, a unidade do livro, é, ao mesmo tempo, um de seus méritos. Trata-se de mostrar, como escreve o próprio autor, não apenas a conformação final, mas também “os andaimes da construção”. Ao desnudar hesitações e possibilidades do processo de tradução poética por meio da apresentação de várias variantes de um mesmo poema, Anderson Braga Horta coloca o leitor, sobretudo, diante de “perplexidades” (e não dificuldades, como assinala muito bem) deste ato “nebuloso, ambíguo, mas volúptico” que é o ato de transpor um texto poético; o que faz desta sua publicação um precioso instrumento para o estudo da tradução e da poesia.

Dentre as perplexidades pinçadas pelo tradutor, destaca-se, por exemplo, a apresentação de duas traduções do “Soneto del vino” de Jorge Luis Borges. Na

primeira, o tradutor opta pelo alexandrino francês, já na segunda, prefere o alexandrino espanhol, mais livre metricamente e bastante praticado pelos poetas românticos brasileiros, como revelou Péricles Eugênio da Silva Ramos em seu estudo intitulado *O verso romântico*. A possibilidade de recriar um texto poético em uma métrica aparentemente diferente da métrica original é um aspecto importante na tradução poética, uma vez que ser fiel ao número de sílabas pode representar uma infidelidade retórico-formal, isto é, no caso de uma das transposições de Borges apresentadas no livro, a escolha do alexandrino espanhol deu mais liberdade ao tradutor, mas fez com que Borges se aproximasse de uma estética romântica, visto que esta métrica caiu em desuso no Brasil.

Em momento algum do livro, Anderson Braga Horta se debruça sobre esse tipo de questão, para ele “ludismo, admiração, amor, homenagem, eis o que, no fim das contas, dá razão ao ato de traduzir”, ainda que assinale que a tradução é, também, um privilegiado “exercício de leitura”. Como leitor-tradutor Horta dá provas de rigor e competência, produzindo

em português belos poemas, homólogos aos originais. Teoricamente, contudo, faz apenas generalizações, algumas vezes problemáticas, como quando afirma que, do poema, deve-se traduzir “sobretudo sua *aura*, aquilo que faz dele o que é: um poema, vale dizer, uma construção vocabular,

para a qual tem o poeta à disposição a palavra e tudo o que ela é capaz de abrigar/revelar/ocultar, vale dizer, um infinito”, aí ele se afasta de sua própria prática tradutória, muito mais textual e precisa do que suas considerações sobre a tradução poética.

Álvaro Faleiros

UNB

---